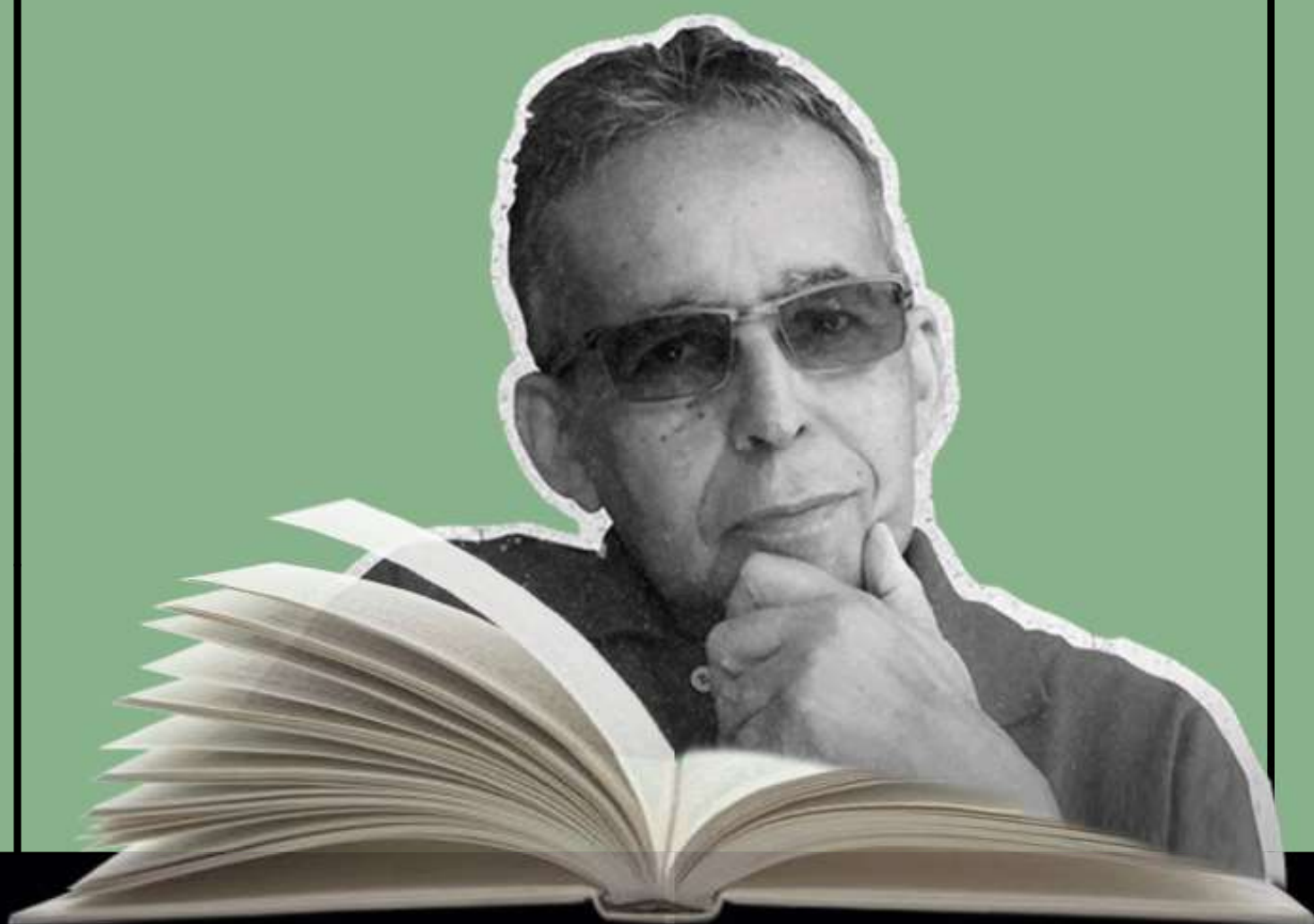




O Espaço nos Contos de Antonio Carlos Viana:

do texto escrito ao vídeo criativo por estudantes do 9º ano do ensino fundamental

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

O Espaço nos Contos de Antonio Carlos Viana: do texto escrito ao vídeo criativo por estudantes do 9º ano do ensino fundamental

**SARAH REGINA SANTOS DOS REIS
ALEXANDRE DE MELO ANDRADE (ORIENTADOR)**

São Cristóvão – SE

2021

APRESENTAÇÃO

Estimado(a) estudante,

Este Caderno Pedagógico (CP) consiste em um produto educacional de caráter replicável, fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), entre o período de 2019 e 2020. O CP é um instrumental pedagógico confeccionado com o fim de minimizar uma problemática encontrada na sala de aula e representa mais um objeto de aprendizagem a ser explorado por você - discente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Finais, especialmente do 9º ano.

Nesta ferramenta pedagógica, propomos um elenco de atividades interativas de leitura, interpretação e produção textual, que visam a oportunidade de uma prática de letramento literário, com ênfase na questão do espaço narrativo, por meio dos contos contemporâneos do contista sergipano Antonio Carlos Viana. Além do aprendizado do gênero textual conto, também será possível refletir acerca da identidade do indivíduo a partir do espaço que habita, construindo sentidos significativos e críticos mediante as leituras propostas.

Assim, caro(a) estudante, este Caderno foi planejado com a pretensão de contribuir e enriquecer seu conhecimento linguístico e cultural, uma vez que as atividades propostas aguçam e estimulam o crescimento dos níveis de leitura, a capacidade de interpretação e a postura protagonista desenvolvida nas produções textuais. O material é organizado em uma breve abordagem teórica sobre os conteúdos explorados na pesquisa para apreciação do seu docente, seguida de um conjunto de vivências (módulos) que dão concretude à propositura do caderno, com atividades interativas e possibilidades de respostas que lhe permite experienciar práticas de leitura e letramento literário no ambiente escolar. Tais vivências trazem seções como Hora da Leitura, Hora da Produção, Hora de Aprender Mais e Diário de Aula.

Esperamos que este instrumento de aprendizagem seja encarado por você como um novo desafio e contribua positivamente para a construção de um conhecimento satisfatório e prazeroso da arte literária.

Ótima leitura e bons estudos!

Abraço forte da autora.

Nome do Aluno(a): _____
Nome do(a) Professor(a) de Português: _____
Escola: _____
Ano/Turma: _____ Ano Letivo: _____
Cidade/Estado: _____

SUMÁRIO

Um breve diálogo com o(a) professor(a)...	6
Organização do Caderno Pedagógico.....	9
VIVÊNCIA I - AVIVAMENTO/CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
Hora da Leitura.....	11
Hora da Produção.....	13
Diário de Aula.....	14
VIVÊNCIA II - APRECIÇÃO/LEITURA.....	15
Hora da Produção.....	16
Hora da Leitura.....	16
Hora da Leitura.....	19
Diário de Aula.....	22
VIVÊNCIA III - INTERPRETAÇÃO/EXPERENCIAÇÃO.....	23
Hora de Aprender Mais.....	24
Diário de Aula.....	30
VIVÊNCIA IV - PRODUÇÃO.....	31
Diário de Aula.....	32
VIVÊNCIA V - SISTEMATIZAÇÃO/EXPOSIÇÃO.....	33
Diário de Aula.....	35
Objetivo das Atividades – Hora de Aprender Mais.....	36
Possibilidades de Respostas – Hora de Aprender Mais.....	38
Referências.....	42



Caríssimo(a) educador(a), sabemos que cabe à escola a missão de evidenciar a importância da leitura e da literatura para o ser humano e o poder transformador que possuem. Apoiamos esta visão principalmente em Antonio Candido (2004), o qual defende que a literatura é um direito a que todo e qualquer indivíduo deve ter acesso.

Segundo Candido (2004, p. 175), a literatura “[...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de incultamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar”.

Embora a contemporaneidade privilegie o contato com textos mais imagéticos e informativos, por rotular os literários como sendo complexos e de difícil interpretação, compreendemos que nós, enquanto professores do ensino fundamental, especialmente, não devemos negar esse direito ao aluno, e sim, intensificar a acessibilidade a esse bem.

Além disso, na efetiva docência, mesmo o conto sendo um gênero textual bastante difundido no currículo da educação básica, percebemos que muitos estudantes sentem dificuldades em sua leitura e interpretação, bem como na identificação de aspectos do gênero, a exemplo de elementos construtores do espaço/ambiente e sua implicância na formação da identidade do indivíduo. Por essa e outras razões, este caderno dispõe de atividades interativas e reflexivas que tangem a questão acima. Antes disso, é pertinente avivarmos algumas reflexões que defendemos referentes ao assunto explorado.

O alunado, de modo geral, aprende a ler e escrever na alfabetização, isto é, decodifica (processo básico e essencial em todos os níveis da aprendizagem de leitura), no entanto, nem todos conseguem ler para aprender, ou seja, não atingem os processos mais complexos e avançados, não alcançam a compreensão daquilo que foi decodificado. Assim, enxergamos a necessidade urgente de alargar o olhar para a prática e repensar a dinamicidade que a leitura promove, sugerindo estratégias metacognitivas de leitura que sejam mais includentes e transformadoras, que permitam que os educandos extrapolem os níveis básicos de leitura e escritura de qualquer texto, que explorem melhor a funcionalidade dos diversos gêneros textuais (sejam orais ou escritos), que os faça enxergarem a partir do texto e para além do texto, e que, sobretudo, tenham profunda ligação com a realidade dos educandos. Nesse sentido, professor(a), somos o principal mediador do processo.

Os resultados de provas externas no âmbito escolar, como por exemplo, a Prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, atestam que o Brasil ainda é deficiente no tocante às questões de competência leitora e escritora, isto é, os educandos não apresentam níveis satisfatórios e esperados para a sua determinada faixa etária/ano escolar. Esse cenário não é diferente

na esfera estadual.

O Referencial Curricular da Educação do estado de Sergipe (2011, p. 73) propõe que “o ensino de língua materna deve ser concebido por meio de um novo conteúdo e uma nova metodologia. E a leitura, a produção de textos e os usos da língua devem caminhar para um encontro de sujeitos que saibam lidar com textos nas diversas situações de interação social. É essa habilidade de interagir linguisticamente por meio de textos, nas situações de produção e recepção de sentidos em que circulam socialmente, que permite a construção de sentidos desenvolvendo a competência discursiva e promovendo o letramento.”.

Assim, ao focar no ambiente educacional, concebemos que o letramento literário é uma prática social de responsabilidade substancial da escola, em qualquer modalidade de ensino, no entanto, há algumas que só propiciam essa prática a partir do ensino médio, e trabalham apenas com textos não literários no ensino fundamental, alegando que esses são mais “fáceis” de serem interpretados. Ou ainda impondo análises já prontas de trechos de obras literárias, que podam a criatividade e experiência do leitor com o texto.

Diante disso, este produto educacional foi pensado e confeccionado com o intuito de propiciar uma prática de letramento literário reflexiva. Experiência que enaltece a questão da valorização de autores locais, o que aproxima e traz mais curiosidade aos alunos, já que se trata do estudo sobre um contista conterrâneo e que possui uma literatura grandiosa. Salientamos que são narrativas que trazem a todo tempo marcas linguísticas e contextuais da linguagem, identidade, sociedade e cultura sergipana, fator fulcral para a afinidade com o leitor/aluno envolvido na pesquisa. Lembre-se ainda que são textos que, fortemente, denotam a inferência de valores sociais, culturais e humanos aptos para os debates em sala de aula.

A objetividade refletida em seus contos é retratada de maneira simples, sombria, e muitas vezes, violenta e reduzida ao nada, em espaços ficcionais descritos com certa economia de palavras. Contudo, colocadas num texto sempre com desígnio estabelecido e uma intencionalidade acentuada, o que provoca no discurso um complexo de significados, que concede ao leitor de seus contos imaginar, por meio de sua experiência de mundo, a ambientação correspondente a cada espaço no texto.

Para Almeida (2014, 407), “os contos de Viana reúnem histórias marcadas pela condição de miserabilidade das personagens que, além de viverem no limite da pobreza, enfrentam angústias decorrentes da sua condição física ou psicológica e da consequente exclusão que tais características lhe aportam. A vida crua das personagens miseráveis de Viana que é apresentada ao leitor em um limitado número de páginas, é contada em sua maior parte por personagens narradoras que captam os pequenos detalhes da vida cotidiana, em que as descobertas e as sensações ganham espaço privilegiado no contexto dos contos”.

Esse contista revela-se um mestre no que executa, uma vez que ao se fazer a leitura de alguns de seus contos, percebe-se como seu trabalho é coerente com a caracterização feita por diversos teóricos sobre o gênero conto, que aparentemente se mostra simples, porém, dadas as suas peculiaridades, é tão complexo como qualquer outro gênero na literatura. Nesse sentido, o conto contemporâneo faz uma ruptura com o conto tradicional, o qual exigia grandes ações. Aquele segue uma linha inovadora em que, às vezes, nada parece acontecer, mas há a reflexão humana e, mais uma vez, é colocada em voga a economia de palavras e a precisão no uso da linguagem. Sobre esse aspecto moderno na maneira de contar, Gotlib (2006, p. 55) acrescenta que “o conto seria um modo moderno de narrar, caracterizado por teor fragmentário, de ruptura com o princípio da continuidade lógica, tentando consagrar este instante temporário”.

Para Gancho (2004, p. 27) “espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa”. E o ambiente “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem as personagens”. Isto é, o espaço é denotado e explícito na narrativa através dos recursos expressivos e contém dados da realidade. Já a ambientação, apresenta-se conotada e implícita, permitindo-nos alcançar uma dimensão simbólica, por meio do quadro de significação complexa do discurso que o conto gera. Por isso, a segunda depende da experiência do leitor para ser evidenciada. Essa ambientação, que será chamada por Borges Filho de espacialização, faz referência à forma como o espaço é construído na narrativa, não se devendo confundir com a questão da descrição do espaço.

Destarte, a seguir, meus colegas professores, apresentamos as etapas (vivências) deste caderno e todas as orientações (passo a passo) a fim de auxiliá-los na aplicação das atividades com as turmas de vocês. Boa construção de conhecimento!

Organização do Caderno Pedagógico

Eis um quadro-síntese elencando as principais ações que serão desenvolvidas durante a sequência/aplicação deste produto educacional.

VIVÊNCIA (etapa)	ATIVIDADES	DURAÇÃO
VIVÊNCIA I: AVIVAMENTO/ CONTEXTUALIZAÇÃO	▪ Contextualização da pesquisa e do produto educacional; ▪ Exposição de livros; ▪ Diálogo motivacional sobre espaço narrativo; ▪ Leitura e interpretação do conto “Santana Quemo-Quemo” (conto 1); ▪ Atividade de identificação dos espaços no conto lido; ▪ Aula expositiva sobre o gênero conto; ▪ Produção de mapa conceitual; ▪ Atividade de pesquisa orientada; ▪ Prática do diário de aula.	3h/aula
VIVÊNCIA II: APRECIÇÃO/ LEITURA	▪ Apresentação oral e visual dos mapas conceituais; ▪ Partilha entre a turma da pesquisa; ▪ Recapitulação do conteúdo explorado; ▪ Produção de relato sobre o autor Antonio Carlos Viana; ▪ Leitura dos contos “Quando meu pai voltou” (conto 2) e “Dia de parir cabrito” (conto 3); ▪ Discussão sobre espaço físico e psicológico no conto; ▪ Prática do diário de aula.	2h/aula
VIVÊNCIA III: INTERPRETAÇÃO/ EXPERENCIAÇÃO	▪ Resolução e correção de atividades escritas de compreensão e interpretação textual (sistematização do estudo); ▪ Prática do diário de aula.	2h/aula
VIVÊNCIA IV: PRODUÇÃO	▪ Produção textual em equipe – atividade de reescritura dos contos, elaboração de quadro de cenas (texto teatral), roteiro, leitura dramatizada e adaptação de contos; ▪ Prática do diário de aula.	3h/aula
VIVÊNCIA V: SISTEMATIZAÇÃO/ EXPOSIÇÃO	▪ Produção de vídeos resultantes das atividades de reescritura; ▪ Apresentação à comunidade escolar e publicação dos vídeos produzidos nos canais de comunicação do colégio; ▪ Prática do diário de aula.	2h/aula

VIVÊNCIA I

AVIVAMENTO/CONTEXTUALIZAÇÃO



Caro(a) discente, neste momento de início da aula, com o auxílio dos colegas e do(a) professor(a), organizem-se em círculo ou semicírculo para melhor apreciação da exposição de livros preparada para você. Após o contato com os diversos livros, dialogue com o colega mais próximo e, em seguida, partilhe com a turma palavras ou expressões que fazem referência a um espaço/ambiente marcante em sua existência e, logo após, relate o motivo da escolha. À medida que você e seus colegas forem falando, seu(sua) professor(a) registrará as palavras partilhadas no quadro (lousa), formando uma lista e firmará um breve diálogo sobre o conteúdo/objeto do conhecimento que será estudado.

Em seguida, leia o conto “Santana Quemo-Quemo” (seção Hora da Leitura), um dos textos-base do estudo e instrumento pedagógico motivacional para a exploração da questão do espaço/ambiente na narrativa. A leitura pode ser individual silenciosa e/ou oral compartilhada, como assim desejar.

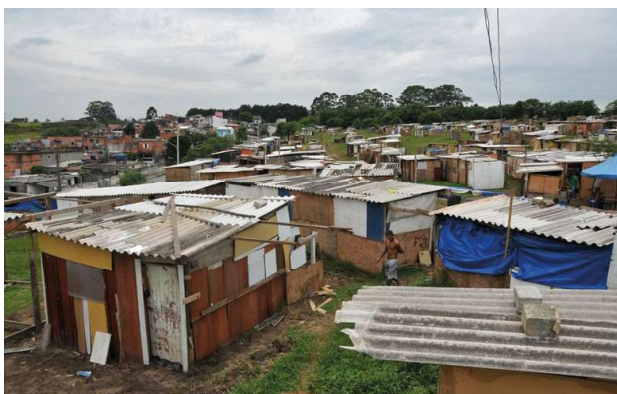
Professor(a), inicialmente, explique à turma os objetivos da pesquisa e das atividades propostas durante as próximas doze aulas (é de extrema importância esclarecer o intuito de qualquer trabalho desenvolvido). Por conseguinte, solicite aos educandos que formem um semicírculo (se possível) a fim de apreciarem livros (monte uma pequena exposição no centro da sala) de gêneros diversos, inclusive os do contista Antonio Carlos Viana (objeto de estudo da nossa pesquisa). Na oportunidade, a turma deve receber informações de capa, título, orelhas, prefácio, entre outros elementos convidativos e pertencentes ao aspecto físico de um livro.

Hora da Leitura



Caro(a) educando(a), esta seção, intitulada **Hora da Leitura**, tem como objetivo trazer, integralmente, três contos do contista sergipano Antonio Carlos Viana para apreciação, lendo, relendo, interagindo e produzindo conhecimento a partir deste contato. Primeiramente, nesta **Vivência I**, apresentamos o conto “Santana Quemo-Quemo”. Já na **Vivência II**, conheceremos os contos “Quando meu pai voltou” e “Dia de parir cabrito”. Deleite-se!

CONTO 1: Santana Quemo-Quemo



Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidada-ria/2014/01/ocupacao-terra-propoe-nova-vida-familias-zona-sul-sao-paulo/>

Fonte: <https://www.fiquebeminformado.com.br/2017/08/prefeitura-efetua-demolicao-de-barracos.html>



Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali. O pirão ia ficar gostoso. A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira. As mulheres se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. Num minuto, era um monte de traste velho do lado de fora dos barracos: lastro de cama, uma imundice de colchonete enrodilhado, botijão de gás, e lata, muita lata, onde à noite a gente cagava e mijava pra, no outro dia bem cedo, jogar tudo no riacho.

Os homens nem quiseram conversa. Em vez de polícia, trouxeram coisa melhor: a banda de música dos bombeiros. Acho que pra dizer que eram da paz e assim também nos distrairiam da desgraça que é sair com os trens nas costas para despejar num outro canto. A banda se posicionou, um homem deu sinal, ela começou a tocar. Depois veio o trator, alucinado, abrindo caminho. O bicho roncava feito fera partindo com fome pra cima da gente. Não dava nem mais para ouvir a música, uma de Roberto Carlos, num ritmo bem animado. Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês. Os ratos corriam por tudo que era canto. Foi nessa hora que vimos nossa mãe sair daquele jeito dela pela portinha de nada, os cabelos de assombração, os peitos mal-amanhados numa tira de pano que fazia as vezes de sutiã. Pendiam feito trouxa desaprumada.

Ela foi pra cima do homem, um de camisa azul de manga cumprida e gravata cheia de borboletinhas. Ele, na maior calma: “Área de preservação ambiental, a ordem é derrubar tudo”. E todo sério, com um papel na mão: Aqui não pode fazer barraco. Deviam saber”. E pra onde a gente ia? “Se virem, assim como vieram pra cá, agora se virem”, falou o homem ajeitando a gravata, borboletinha de tudo que era cor. Enquanto isso, o trator ciscava atrás dele, só esperando a ordem, parecia um touro brabo.

E veio, bem em cima do nosso barraco. Ah, meu Deus, a panela da galinha que deu tanto trabalho a meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus, cheiro bom, coisa tão rara um cheiro assim no meio daquela merda toda. De repente, o trator parou. Até pensamos que o motorista ia fazer como aquele da televisão, que não teve coragem de derrubar a casa que tinham mandado. Depois foi que vimos que ele parou, assim como os homens de manga cumprida e gravata, pra apreciar minha mãe dançando, no começo bem devagarinho, depois crescendo, crescendo, como se estivesse com a Pomba-gira.

Ela começou cantando baixinho: “Você conhece Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo?”. E repetia a mesma lenga-lenga, a voz subindo, até atingir um tom que não era dela. Não sei onde ela foi achar aquela letra mais doida que não saía do lugar. Todo mundo pensou que ela estava só ganhando tempo, fazendo graça, ela sempre foi muito engraçada, pros homens desistirem. Quem disse? O trator retomou toda sua força e veio decidido pra cima do barraco. De tão frágil, nem precisou tocar nas paredes. Só o ronco fez tudo vir abaixo.

O homem das borboletinhas nem tuge nem muge parecia que estava vendo rasgar pacote de biscoito. A banda continuava tocando, a gente nem ouvia mais a música direito, só ouvia o trator. As casinhas eram tudo igual, de papelão e pedaço de madeira velha, era só *crec, crec, crec, crec*, e os homens ainda conversavam entre si, distraídos, sorriam, os endemoniados. Pra completar a desgraça, tinha chovido a noite toda e a lama tinha tomado conta de tudo, e minha mãe sambando e cantando cada vez mais alto, pé no barro, capaz de escorregar, parecia tomada mesmo pelo coisa-ruim. Era uma forma de distrair a dor, pensei, porque não tinha jeito mesmo, já derrubaram e a gente que se danasse.

Mas a vida também tem suas alegrias. Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela de galinha, que a gente comeu, feliz, debaixo da amendoeira, quando os homens foram embora, já tudo derrubado. E nossa mãe não parava mais de cantar “Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo”, os peitos já fora da tira, a saia levantada, aparecendo tudo.

VIANA, Antonio Carlos. *Santana Quemo-Quemo*. In: *Cine Privê*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009, p. 13-15.

Na sequência, após a leitura do conto 1, junte-se a um colega próximo (formando duplas) e grifem ou circulem palavras ou trechos do texto que denotem espaço/ambiente. Em seguida, partilhe as palavras/expressões/trechos com a turma e, sob a mediação do(a) professor(a), através de um diálogo acerca do conto, ouça atentamente o que for debatido, ative seu conhecimento de mundo, participando, questionando e construindo reflexões e ideias acerca do espaço ou ausência dele evidenciado no conto em estudo.

A partir do diálogo sobre o gênero conto, é hora de produzir um mapa conceitual (seção Hora da Produção), compreendendo que esse é um instrumento que recapitulará o que você tem estudado e, assim, potencializará o seu poder de síntese. Mãos à obra!



Professor(a), neste momento de leitura e exploração inicial do texto, exponha visões pertinentes ao gênero conto, abordando as características principais: estrutura, linguagem, elementos, aplicação e circulação, ativando o conhecimento enciclopédico do alunado e fazendo com que os discentes relembrem o conhecimento estudado.

Hora da Produção



Querido(a) estudante, esta seção, denominada **Hora da Produção**, é um espaço reservado neste caderno para você efetivar algumas práticas de produção textual. Nesta **Vivência I**, você deverá criar um mapa conceitual (conforme orientado acima). Já na **Vivência II**, a seção é desti-

nada para a produção de um relato de pesquisa sobre o autor/obra estudado (segundo orientação adiante). Capriche nas produções!

[illegible]

Após a produção do mapa conceitual, junto com seus colegas, formem equipes e pesquisem, em suas residências ou no laboratório do colégio, no próprio aparelho de celular e/ou computadores, em turno oposto ao de aula, informações sobre a biografia e bibliografia (obras) do autor Antonio Carlos Viana.

Diário de Aula



Estimado(a) discente, esta seção, chamada **Diário de Aula**, aparece no final das cinco vi-
vências/etapas deste caderno e consiste em um espaço reservado para a partilha de experiências.
Nele você pode tecer comentários sobre o que aprendeu durante estas últimas aulas, comparti-
lhar os pontos positivos e negativos e/ou recapitular com palavras-chave o objeto de conhecimen-
to estudado. O canto é todo seu, esteja à vontade!

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

VIVÊNCIA II

APRECIÇÃO/LEITURA



Querido(a) estudante, junte-se a sua equipe (formada na aula anterior para a pesquisa) e comecem um debate expositivo acerca do que foi pesquisado. Além disso, para conceder maior concretude ao estudo, produza um breve relato abaixo (seção Hora da Produção) sobre o autor em estudo, apontando aspectos de sua vida, mas, especialmente, da obra produzida, como temáticas preferidas, estilo de linguagem, contexto etc. Isto é, trace um perfil característico do estilo vianiano de ser contista.

Professor(a), sugerimos para este momento que você solicite aos discentes a apresentação oral e visual dos mapas conceituais produzidos na aula anterior, como forma de verificar o conteúdo assimilado e debatido. Quando todos os grupos apresentarem as informações e impressões coletadas, finalize acrescentando e recapitulando o que, possivelmente, não tenha sido dito pelas equipes.

Hora da Produção



Ainda em equipes, durante essa aula, nas páginas onde constam os contos “Quando meu pai voltou” e “Dia de parir cabrito” (seção Hora da Leitura), realizem a leitura silenciosa. Passado esse momento, mediados pelo(a) professor(a), discutam os textos lidos, chamando atenção para a temática e priorizando a discussão acerca da identidade do indivíduo, construída a partir da diferenciação entre espaço físico e psicológico (ambiente) no conto.

Hora da Leitura



CONTO 2: Quando meu pai voltou



Fonte: <https://amp.jornalmontesclaros.com.br/2018/08/31/agronegocio-no-norte-de-minas-pena-com-70-de-rios-secos/>

Fonte: <http://www.ambientelegal.com.br/wp-content/uploads/Hippo-Water-Roller-Barril-de-200L-1.jpg>



A manhã foi toda de espera. A tia e a mãe tinham ido buscar nosso pai. Quando soubemos que o médico tinha lhe dado alta, ficamos sem canto, fazia muito tempo que ele estava internado. As duas saíram bem cedinho por causa do sol que, quando batia na cabeça, parecia que os cabelos iam pegar fogo. Minha mãe levou caju-ameixa, que fazia no maior capricho. Escolheu os mais pretinhos, pareciam ameixas de verdade, davam pra enganar qualquer um. Era o doce que mais deixava meu pai feliz.

Aquele foi um dia arrastado. Por mais que brincássemos, sempre sobrava tempo. Estávamos de férias, nem tínhamos para onde ir. A escola era nosso único refúgio. Nossa ansiedade nos fez comer todas as bolachas que ainda restavam, bebemos toda água que tínhamos, os potes secaram e aí foi bom. Nossa avó nos chamou para ir até o rio com as latas, era um pouco distante, onde bebia gente e bicho. Tínhamos de ferver a água para matar os germes, como aconselhava a professora.

Voltamos com a água, e o tempo parecia não se mover. Jogamos bola, subimos nas mangueiras, e nada de meu pai apontar na curva. A estrada nunca esteve tão deserta, só um ou outro cavalo com um homem em cima. Quando víamos um trio apontar lá longe, achávamos que eram eles. Nunca era. Almoçamos mal, nossa avó ralhou porque desperdiçar comida não era com ela, embora houvesse os porcos para comer tudo o que sobrava.

Deu uma da tarde, duas, três, quatro, e nenhuma sombra das duas e de meu pai na Curva da Rapadura, como a gente chamava a curva do morro que fazia uma barreira entre o lugar onde morávamos e o povoado da ponte. Perdemos a esperança de que chegassem ainda com a luz do sol. De tardinha, tomamos nosso banho, banho na verdade, não. Lavamos os pés, o rosto, os braços, era só isso nosso banho. Nossa avó cozinhou inhame, pôs na mesa, comemos com um resto de manteiga derretida e ficamos do lado de fora da casa, ver se ouvíamos algum ruído de passos na escuridão. Era uma noite escura e feia. Os mosquitos não nos deixaram ficar ali por muito tempo, nosso corpo pinicava tanto que parecia ter sido todo furado. Meu irmão mais novo caiu no sono, minha irmã, logo depois. Só sobrou o mais velho e eu.

Já tínhamos perdido toda a esperança, quando ouvimos vozes na estrada. Finalmente iam chegar. A Voz do Brasil tinha acabado fazia tempo. Os três chegaram estropiados e pelo andar de meu pai, lento, triste, pesaroso, vimos logo que tinha sido tudo culpa dele, as duas não quiseram forçar o passo. Ele entrou na sala alumiada apenas pelo candeeiro, que mostrou um rosto macilento, inchado, logo ele, que tinha sido sempre magro, os ossos do queixo salientes. Nunca vi tanto silêncio. Até minha mãe, que era muito faladeira, silenciou. Ele olhou pra mim, pro meu irmão, nem uma sombra de riso. Eu queria saber se ele tinha mudado de opinião sobre mim, era só o que importava. Sempre me achou muito tapado por não saber dar brilho nos sapatos que ele consertava. Dizia que, comparado a meu irmão, eu não ia ser nada na vida, que eu era um menino sem jeito, não dava nem pra ser goleiro de um timezinho qualquer. Era que eu apenas sentia a vida diferente, cheia de pedregulhos difíceis de erguer para abrir passagem.

Foi de minha mãe a voz que ecoou na sala: “Fale com seus filhos, homem, o pior

já passou". Meu pai continuou calado, até que puxou um fio de voz machucada, como se durante o tempo que passou internado não tivesse feito outra coisa senão gritar de dor. A cabeça tinha tufos de cabelos arrancados, que depois soubemos ser o lugar onde punham uns fios para dar choque. A voz veio de longe, como se ele procurasse as palavras que tinha perdido ao engolir as beberagens amargas que lhe davam.

Minha mãe veio da cozinha com um prato fumegante de arroz-doce. Ela se esmerou em fazer tudo que podia para ele se sentir bem, para que nunca mais precisasse voltar para aquele lugar infeliz, como ela dizia. A canela em pau soltava um cheiro de fazer a gente querer mergulhar com gosto a colher no prato e comer aquela papa branquinha e doce, que só é boa quando bem quente. Meus outros dois irmãos dormiam e meu pai nem perguntou por eles. Ele baixou a cabeça e começou a comer sem muita vontade. Ficou um tempão olhando pro prato. Depois experimentou duas colheradas e parou. Se fosse antes da internação, a gente esperaria que ele jogasse tudo no chão, até a toalha bordada, feita para comemorar sua volta. Não jogou. Apenas parou de comer. Nós também paramos, o coração em alerta, o meu parecia que ia despencar dentro do peito. Vi que dali em diante qualquer gesto dele seria a anunciação de alguma coisa ruim que podia desmoronar de vez. Minha mãe perguntou se o arroz estava sem açúcar, se estava sem sal, se tinha ficado muito grosso. Ele não falar nada era pior que tudo. O doutor tinha dito que a gente ia precisar forçar conversa com ele nos primeiros dias, que inventássemos tudo que fosse distração, porque uma recaída seria definitiva e nunca mais ele sairia de lá. O corpo balofo de meu pai era um sinal de que algo nele tinha ruído para sempre. Tinha sido jogador de futebol na juventude, na parede da sala tinha até uma foto dele no meio do time, todo atlético, de calção branco e chuteira. Agora não passava de uma sombra espessa de um outro que não conseguíamos reconhecer.

A noite num lugar escuro, longe de tudo, é porta aberta para todas as caraminholas navegarem em nossa cabeça. Eu temia por isso. E se, de repente, ele desandasse pela escuridão, quem iria atrás dele? Eu via apreensão no olhar das três. Meu irmão mais velho também demonstrava medo. Eu pensava nos dias por vir. O que iria meu pai fazer naquele lugar, só um rádio de pilha muito do ruim, e sapos gritando no poço? Havia um que a gente pensava ser gente gemendo, mas nossa tia dizia que não, era o sapo-dor, gemia como se sofresse de um mal sem fim. Ainda bem que era só de noite. Meu pai não conseguiu engolir o arroz. Disse que não descia, se desculpou, era ele, não o arroz-doce, que estava podre. Cada um de nós raspou seu prato, minha mãe dividiu igualmente o que restou no panelão de barro e nos demos por satisfeitos. Eu não tomava café nem chá pra não mijar na cama. Era horrível quando isso acontecia, os outros faziam chacota o dia inteiro diante do lençol estendido no arame e do colchão secando ao sol. Meu pai sempre me bateu por isso. Para ele, uma boa surra resolvia tudo.

Depois do arroz, fomos nos sentar na calçada. Parecia que a gente estava vivendo a noite mais escura do mundo. Nem lua, nem estrela, até os vaga-lumes pareciam ter sumido de vez. Minha mãe, sempre animada, falava sozinha, não sei como não se cansava. Fazia planos. Agora que ele tinha voltado, tudo ia melhorar. Fazer uma horta,

vender as verduras na feira, embora meu pai fosse homem de cidade, não gostava da terra, sua vida era bater sola, como dizia. Ele continuava calado, era como se estivesse vivendo num outro tempo, num outro planeta. De repente, a boca começou a se mexer e ele foi falando. Perguntou se Alcir, o meu irmão mais velho, ainda estava estudando, se continuava tirando muita nota boa. Foi um alívio. Ele se lembrava de tudo. Depois passou para mim: “Carlinhos cresceu”. Nenhum pai sabe da felicidade do filho ao ver seu nome pronunciado por uma boca que nunca disse nada de bom sobre ele. Pelo menos ele tinha notado meu crescimento. “E está ficando bonito.” Pronto! Eu não precisava ouvir mais nada. Caí depois num sono que nem senti.

No outro dia de manhã cedo, os dois irmãos mais novos falaram com meu pai e ele disse que eles tinham crescido muito, nem pareciam os mesmos. Ficamos por perto. Ele sorria, apenas. Como não conseguíamos puxar uma palavra dele e o silêncio nos incomodava, fomos lá pra fora. Eu e Alcir começamos a cavar os buracos pra jogar bola de gude. Dali a pouco ele veio andando bem devagarinho, agora ainda mais macilento à luz do sol, o pescoço muito fino, os cabelos embranquecidos. Sem que a gente pedisse, nos ajudou a fazer os buracos, usando o calcanhar pra ficarem bem redondinhos, mas de uma forma tão lenta que me deu agonia. Minha mãe tinha dito pra gente tomar cuidado, ele estava mais frágil do que cristal, e qualquer coisinha podia fazer voltar tudo. Quando fui jogar a bolinha, ele se agachou ao meu lado, segurou minha mão e me ensinou como tecava. Seu bafo era amargo, devia ser dos remédios. Quando joguei, não acertei, a bolinha passou bem longe da outra. Preparei os ouvidos pra ser chamado de burro, mas o que vi foi ele enxugando os olhos com as costas da mão. Minha mãe parecia estar à espreita. Veio toda correndo e levou ele lá pra dentro, como se leva uma criança. Meus irmãos, parados, olhavam para mim. Foi nessa hora que entendi aquela história do menino sem jeito.

VIANA, Antonio Carlos. Quando meu pai voltou. In: Cine Privê. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009, p. 29-34.

Hora da Leitura



CONTO 3: Dia de parir cabrito



Fonte: <https://milenamdiego.wordpress.com/2010/05/13/poema-e-imagem-postadas-por-eduardo-aleixo/>

Fonte: <https://mapio.net/pic/p-24645505/>



Era um mistério. Dia de parir cabrito, éramos obrigados a ficar dentro de casa, uma casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de galinha e mijo de gato. As ninhadas de pinto eram com as criadas na cozinha. Acordávamos com aquele piar sem fim e um mar de merda sob os pés. Pior ainda eram os piolhos-de-galinha que corriam por nosso corpo, o que nos dava vontade de fugir dali para sempre. E ainda havia os porcos no chiqueiro ao lado, de onde vinha um cheiro forte de lama. Morávamos num sítio distante de tudo, e só mesmo quando minha mãe ia buscar a pensão de meu pai e levava um de nós, era que víamos como a cidade estava crescendo, enquanto, para nós, o mundo era só mau cheiro. A única coisa boa que havia eram os cabritos. Cada um tinha o seu, seu só no nome, porque, quando a necessidade apertava, o marchante vinha e os levava por qualquer ninharia. Foram eles nossa maior fonte de sofrimento na infância.

No dia em que alguma cabra ia parir, era aquele mistério todo. Minha tia solteirona também não podia ver, só minha mãe, que já conhecia a vida. Era assim que falavam. Era preciso conhecer a vida para ver cabrito nascer. Não entendíamos. O entra-e-sai começava cedo. Ouvíamos os balidos da cabra, que parecia uma pessoa chamando outra enquanto sofre. A gente já sabia que o dia ia ser de feijão encruado e muito suor no corpo. O sol queimava tudo, fosse qual fosse a época do ano. Mesmo no inverno, depois da chuva, brotava aquele solzão que nos fazia ter ainda mais medo do inferno. Se na superfície era assim, imagine nas profundezas.

O pior de tudo era que não nos deixavam abrir uma janela, a porta ficava trancada por fora pra nenhum de nós ter o destempero de sair correndo e ver aquilo que nossa imaginação fabricava como a coisa mais suja do mundo. Só sabíamos que saía muito sangue porque nossa avó, depois de fazer o parto, se esquecia de cobrir com terra uma parte da sangueira que ficava no chão do cercado. Sua roupa também vinha toda salpicada de vermelho, as unhas cheias de sangue preto.

Minha irmã, a mais curiosa de nós, achava que os cabritinhos nasciam pelo cu, sempre tinha um fio sangrento correndo dali com uma gosma feia, ela dizia. Se nossa mãe ouvisse aquilo, ela ia apanhar de botar sal. Meu irmão mais novo achava que abriam a barriga da cabra, mas, quando a gente ia ver, a barriga estava normal, desinchada, sem nenhum sinal de corte.

A manhã se estendia pegajenta e pesada sobre nós. Sufocávamos de calor e cheiros ruins. A janela do lado direito tinha uma brecha e, com muito esforço, a gente podia ver nossa avó com um pedaço de pau puxando umas coisas de dentro da cabra. Nossa irmã tinha razão, era mesmo pelo cu que os cabritos saíam, gritou meu irmão menor, todo satisfeito da descoberta. A verdade mesmo só veio muito tempo depois, quando encontramos um livro que nos deixou ainda mais confusos. Um livro com uns desenhos do corpo do homem e da mulher, que estava num baú jogado na despensa. O desenho do parto nos deixou arrepiados, a criança com a cabeça saindo de dentro da mãe. Por baixo. Devia ser um desespero de dor. Aprendemos umas palavras que nem sabíamos que existiam. Um dia, na hora do almoço, meu irmão menor perguntou o que significava uma delas e a resposta foi um tabefe que tirou sangue de seu lábio. Vimos

então que a coisa era mesmo bem feia. Havia muito estupor nos olhos de minha mãe quando ele fez a pergunta. Meu pai, àquela altura, já tinha morrido fazia um bom tempo, e acho que ele responderia do mesmo jeito. Foi depois da morte dele que fomos morar ali, porque não tínhamos dinheiro para pagar aluguel nem de um casebre de quatro forquilhas. No começo, achamos bom, a escola era perto, a professora fedia a carne-seca escaldada, mas era melhor do que nada. Aprendíamos para ser alguma coisa na vida, era o que dizia minha mãe.

As cabras vieram como uma solução para termos o leite de cada dia. Era um leite gostoso que a gente punha sobre o cuscuz e se lambuzava de prazer. Um leite adocicado que nos fazia acordar saboreando o dia por vir. O que sobrava era colocado num vasilhame, e meu irmão mais velho ia vender em cima da carroça, única herança que nosso pai deixou. Ia vender no povoado perto da ponte e voltava sempre com uns trocados que já davam para juntar e comprar as roupas de fim de ano. O leite era nossa única fonte de vitamina, por isso crescíamos saudáveis. Minha mãe dizia que quem tomava leite de cabra nunca adoecia. E era mesmo. Doutor a gente só via quando tinha uma febre mais forte e as garapas não resolviam. Era geralmente no inverno, quando a friagem vinha pelo chão de barro e tomava conta de nosso corpo, dando uma tremedeira que nenhum cobertor salvava.

O dia de parir cabrito só aliviava quando minha avó voltava do cercado dizendo que já podíamos ir ver. As janelas se abriam, entrava uma lufada de ar quente e saíamos na maior disparada. Ficávamos felizes quando era fêmea. Eram sempre muito lindos, fossem de uma cor ou só malhados. Ali mesmo minha mãe dizia de quem eram. Não gostávamos dos machos porque seriam vendidos logo, mal ganhavam corpo. As cabritas demoravam mais, por causa do leite. O pior era que a gente se apegava demais a eles. Parecia que quanto mais apego demonstrávamos, mais depressa eram vendidos.

Cabrito cresce entre um pulo e outro. Com pouco tempo, já estavam pinotando, se danando pelos matos. Só uma coisa nossa mãe, tia e avó não conseguiam fazer a gente deixar de ver: o bode cobrindo as cabras. Era uma coisa muito rápida: ele primeiro as cheirava no rabo, abria os beiços e as narinas, depois se empinava todo e se enfiava dentro delas sem dó nem piedade. A gente achava que aquilo devia doer, ainda mais com o peso dele em cima, mas elas não demonstravam nenhum desgosto, ficavam bem quietinhas, o olhar distante, como se nada estivesse acontecendo. Quando ele desmontava, elas iam pastar numa calma que não compreendíamos. Minha irmã sempre foi a mais esperta de nós e foi ela, mais uma vez, que disse que o cabrito saía por onde entrava. Não sabíamos ainda palavras feias, que só foram ensinadas tempos depois por um menino que veio tomar conta dos porcos.

Nossa aflição voltava uns seis meses depois que os cabritos nasciam. Quanto mais cresciam, mais chances de irem embora. Parecia que nossa mãe fazia de propósito. Quando via que estávamos muito apegados a eles, chamava um marchante, o seu Benício, que vendia carne na feira. Era ele apontar na estrada e já sentíamos o coração fisgar. Para nós, era um dia de infelicidade. Os cabritos pulavam, inocentes. Minha avó

Depois que pegava, o homem laçava o cabrito, amarrava-o num pé de pau e ainda perguntava de quem era aquele. “Vai ser bem aqui”, ele dizia, mostrando um lugar onde iria enfiar a faca, com um riso na boca mole. Um frio nos percorria o corpo só de pensar no animal sofrendo, a derramar o sangue num caldeirão. Depois ele se ia pela estrada, arrastando o bicho sem nenhuma piedade, as patas traseiras fazendo força no barro seco. Mais adiante, já conformado, ia berrando, no seu trote miúdo. A cabra-mãe corria desesperada para cima e para baixo, só faltava romper a cerca. O berro ecoava dentro de nós pelo resto do dia. Fazíamos força para não chorar.

VIANA, Antonio Carlos. Dia de parir cabrito. In: Cine Privê. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009, p. 46-50.

[illegible]

VIVÊNCIA III

INTERPRETAÇÃO/EXPERENCIAÇÃO



Caro(a) aluno(a), neste momento, sugiro que você dedique-se à seção **Hora de Aprender Mais**, respondendo às atividades escritas e sistematizadoras do conhecimento produzido no decorrer dessas aulas. Em seguida, relate a experiência adquirida (seção Diário de Aula), como meio de fixar ainda mais o conteúdo aprendido.

Professor(a), sugerimos a avaliação e discussão com a turma sobre as respostas compartilhadas pelos educandos. Lembramos que temos a seção **Possibilidades de Respostas** no final deste caderno para auxiliá-lo neste momento rico de aprendizagem conjunta.

Hora de Aprender Mais

Esta seção é destinada à resolução de atividades escritas em torno do que estamos estudando – gênero conto, com ênfase no espaço narrativo a partir dos três contos vianianos apreciados. Vale lembrar que, no final deste caderno, você pode consultar sugestões de soluções para essas questões/atividades, na seção **Possibilidades de Respostas – Hora de Aprender Mais**. Boa prática!



1. No estudo do conto, um dos elementos presentes é o narrador. Basicamente, ele pode ser narrador-observador ou narrador-personagem. Assim, os contos “Santana Quemo-Quemo”, “Quando meu pai voltou” e “Dia de parir cabrito” apresentam qual tipo de narrador? Justifique sua resposta.

2. Nos contos vianianos, geralmente, as personagens apresentam características afins, ou seja, comuns umas com as outras. Deste modo, aponte dois aspectos semelhantes encontrados nas personagens dos contos estudados.

3. Neste caça-palavras, encontre e circule dez (10) palavras que envolvem a estrutura e os elementos de um conto.

A	J	V	L	Y	O	W	M	Z	A	O	X
A	B	K	X	O	H	K	R	Ç	O	D	T
M	P	C	L	Z	C	L	B	Ç	Z	E	V
U	B	Ç	D	M	E	D	A	A	I	R	T
N	O	A	I	E	F	P	B	I	U	N	E
X	T	P	E	R	S	O	N	A	G	E	M
W	A	S	M	E	E	F	A	T	L	K	P
S	U	M	R	E	D	L	R	G	L	R	O
C	P	N	I	C	J	S	R	N	H	Z	X
C	O	M	P	L	I	C	A	Ç	A	O	X
M	N	N	B	Q	C	K	D	K	O	I	R
T	F	D	F	R	P	D	O	P	R	P	J
J	E	Ç	Q	L	E	D	R	C	S	K	Q
F	L	P	V	Y	I	O	V	M	L	S	S
U	O	X	A	V	I	T	A	R	R	A	N
N	R	B	I	H	G	N	O	M	A	B	A

4. A obra de Antonio Carlos Viana traz abordagens de cunho coletivo (social) e, na maioria das vezes, familiar. Sabendo disso, faça um elenco das principais temáticas abordadas nos três contos lidos.

5. Aponte a alternativa incorreta em relação à prosa do grandioso contista sergipano Antonio Carlos Viana.

- Aborda temáticas de cunho coletivo, que tocam em aspectos da miséria e sofrimento humano, mazelas sociais, negações de direitos básicos.
- Apresenta uma linguagem crua, animalesca, bem próxima do real, com expressões bem típicas do que os personagens vivenciam.
- Contos que apresentam o elemento fantástico como foco, permitindo ao leitor um mergulho no mundo dos sonhos e devaneios.
- São contos sensoriais, ricos em figuras de linguagens, com personagens pobres, fadados ao fracasso, mas que enxergam alegria nas pequenas coisas.

6. A linguagem apresentada nas narrativas analisadas mostra-se mais formal ou informal? Justifique sua resposta.

7. “E veio, bem em cima do nosso barraco. Ah, meu Deus, a panela da galinha que deu tanto trabalho a meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus, cheiro bom, coisa tão rara um cheiro assim no meio daquela merda toda.” (4º parágrafo). Nessa passagem do conto 1, o que o pensamento do personagem revela diante da situação vivenciada?

8. Sabemos que todo texto literário é carregado de figuras de linguagem. No conto “Santana Quemo-Quemo”, o autor faz uso de comparações para enriquecer o seu texto. Assinale a alternativa em que não aparece um exemplo de comparação.

- a) “O bicho roncava feito fera [...]” (2º parágrafo);
- b) “Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês.” (2º parágrafo);
- c) “As coisinhas eram tudo igual, de papelão e pedaço de madeira velha, era só crec, crec, crec, crec [...]” (6º parágrafo);
- d) “O homem das borboletinhas nem tuge nem muge, parecia que estava vendo rasgar pacote de biscoito.” (6º parágrafo).

9. O próprio título do conto “Santana Quemo-Quemo” remete-nos ao discurso religioso. Além dessa expressão, transcreva mais duas que possuem denotação religiosa presentes no texto.

10. Ainda no conto 1, diga em que espaço físico se passam os fatos principais? Trata-se de um espaço que possibilita a observação de condições morais, psicológicas ou socioeconômicas das personagens? Explique.

11. Considerando o que estudamos sobre espaço/ambiente na narrativa, preencha o quadro a seguir com palavras ou trechos do conto “Santana Quemo-Quemo” que constituem o:

ESPAÇO FÍSICO	AMBIENTE PSICOLÓGICO

12. Como a descrição minuciosa do espaço contribuiu para o enredo da narrativa (conto 1)?

13. A que conclusão o narrador chegou ao proferir “Mas a vida também tem suas alegrias”, no desfecho do conto “Santana Quemo-Quemo”?

14. Releia com atenção o conto “Quando meu pai voltou” e indique:

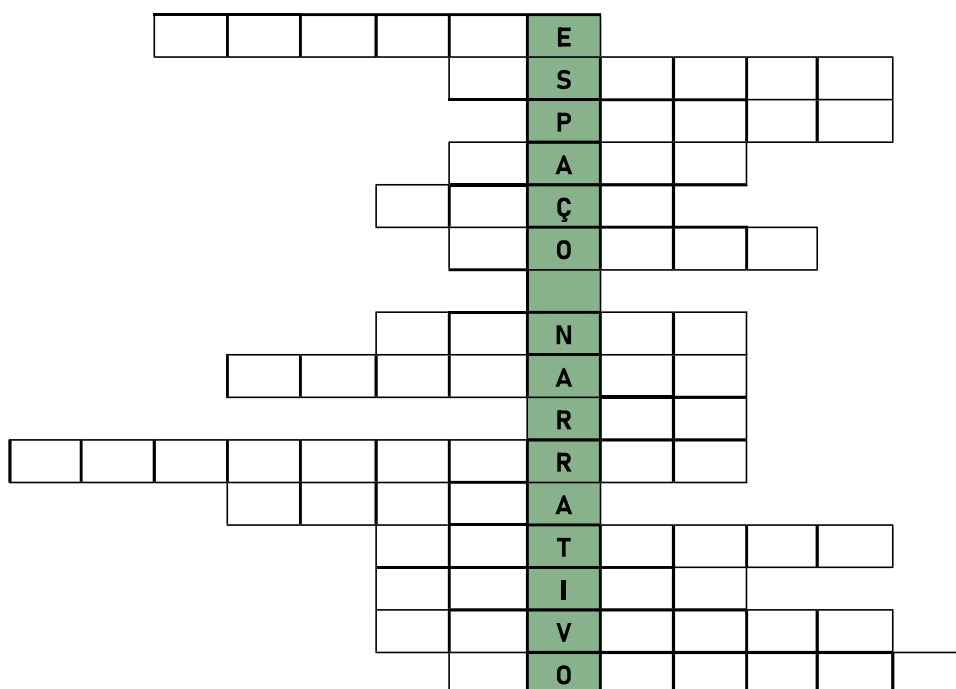
PERSONAGENS	LUGAR(ES)	TEMPO

15. Relacione cada um dos personagens a seguir às suas ações e/ou características na narrativa (conto 2).

- | | | | |
|----|--------------------|---|---|
| A. | A mãe | (|) Caiu no sono junto com o irmão mais novo. |
| B. | O pai | (|) Cavou buracos pra jogar bola de gude com Carlinhos. |
| C. | A avó | (|) Não tomava café nem chá. |
| D. | A irmã | (|) Esteve internado por um tempo. |
| E. | O irmão mais velho | (|) Fez arroz-doce e caju-ameixa. |
| F. | O irmão mais novo | (|) Dormia com a irmã no momento em que o pai voltou. |
| G. | Carlinhos | (|) Cozinhou inhame para a família. |

16. No desenvolvimento do conto 2, mais precisamente nos parágrafos 8 e 9, a descrição feita pelo narrador do local em que se encontra provoca nele qual sensação? Que elementos de caracterização do espaço contribuem para intensificar essa sensação?

17. Preencha o diagrama abaixo com palavras que fazem referência ao espaço/ambiente narrativo no conto “Quando meu pai voltou”.



18. Que sentido(s) podemos construir acerca das personagens do conto “Quando meu pai voltou” a partir do trecho “Por mais que brincássemos, sempre sobrava tempo. Estávamos de férias, nem tínhamos para onde ir. A escola era nosso único refúgio.”.

19. Qual dos seguintes trechos está relacionado ao conflito apresentado na narrativa “Dia de parir cabrito” (conto 3)?

- a) “A manhã se estendia pegajenta e pesada sobre nós. Sufocávamos de calor e cheiros ruins. A janela do lado direito tinha uma brecha e, com muito esforço, a gente podia ver nossa avó com um pedaço de pau puxando umas coisas de dentro da cabra.”
- b) “Fazia parte do acerto a gente passar por lá e pegar um bom pedaço da carne, que ele dependurava numa pindoba para ser mais fácil de carregar. Voltávamos pela estrada pingando sangue e gordura. Nossa mãe sorria.”
- c) “No dia em que alguma cabra ia parir, era aquele mistério todo. Minha tia solteirona também não podia ver, só minha mãe, que já conhecia a vida. Era assim que falavam. Era preciso conhecer a vida para ver cabrito nascer.”
- d) “Era um mistério. Dia de parir cabrito, éramos obrigados a ficar dentro de casa, uma casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de galinha e mijo de gato.”

20. Numa narrativa, o espaço pode ser apenas a representação física de um cenário ou pode integrar-se aos demais elementos, de maneira a assumir um papel fundamental no desenrolar dos fatos. Considerando essas duas possibilidades, de que forma você classificaria o trabalho com o cenário no conto “Dia de parir cabrito”? Justifique sua resposta.

21. No trecho “Minha tia solteirona também não podia ver, só minha mãe, que já conhecia a vida. Era assim que falavam. Era preciso conhecer a vida para ver cabrito nascer”, notam-se traços relacionados a:

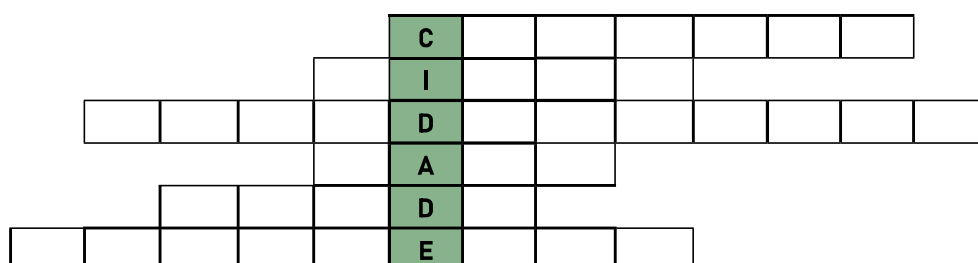
- a) economia familiar.
- b) moral e comportamento familiar.
- c) religiosidade familiar.
- d) afetividade familiar.

22. Expressões como “mar de merda” e “apanhar de botar sal” são marcas da linguagem:

- a) formal.
- b) infantil.
- c) adulta.
- d) informal.

23. No início de “Dia de parir cabrito”, o narrador descreve minuciosamente o espaço vivido pelas personagens. O que essa ambientação representa e que sentido(s) pode-se construir sobre o enredo do texto?

24. Preencha o diagrama a seguir com palavras ou expressões que se referem à ambientação construída no primeiro parágrafo do conto “Dia de parir cabrito”.

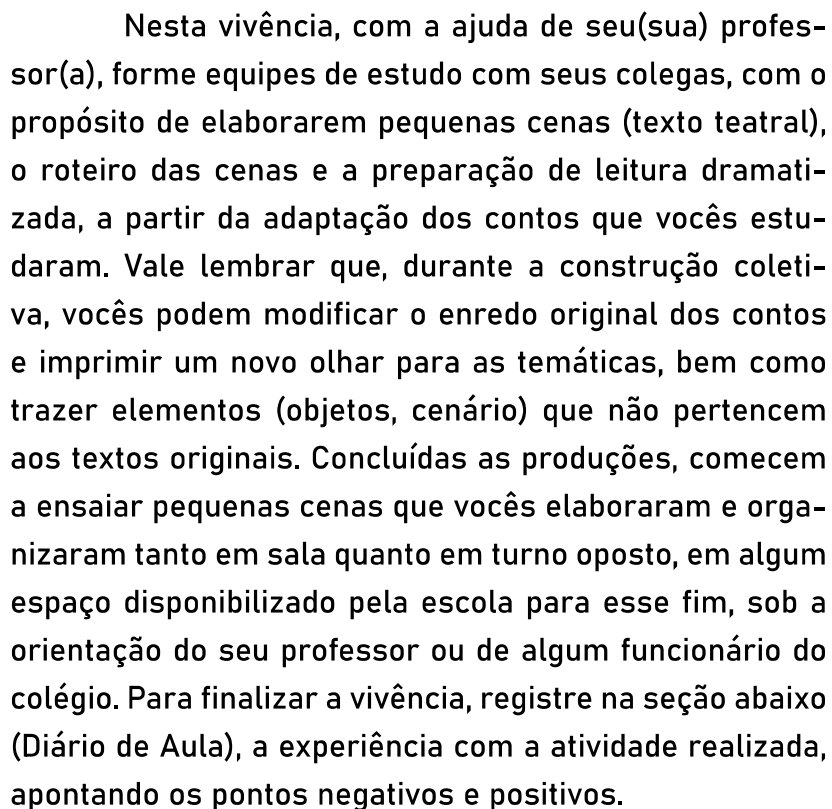




Lined area for writing the classroom diary.

VIVÊNCIA IV

PRODUÇÃO



Professor(a), para esta etapa, sugerimos a proposição de atividades de reescritura, montando uma espécie de quadro de cenas, que foquem na distinção abordada (espaço x ambientação), a partir dos três contos estudados e presentes neste caderno pedagógico. No decorrer das aulas, oriente sua turma acerca dessa construção. Durante e após, as produções das equipes, é pertinente que seja feita uma avaliação rigorosa das cenas produzidas, observando não somente questões gramaticais, mas estéticas.

This image shows a full page of blank handwriting practice paper. It features multiple sets of horizontal lines, each set consisting of three lines: a solid top line, a dashed middle line, and a solid bottom line. These sets are repeated down the entire page to provide a guide for letter height and placement. The background is white, and the lines are black. There is no text or other markings on the page.

VIVÊNCIA V

SISTEMATIZAÇÃO/EXPOSIÇÃO

Discente, para sistematizar e potencializar ainda mais o conhecimento adquirido, bem como explorar a modalidade de fala, estas aulas serão destinadas à produção de vídeos-minuto, em celulares e/ou em alguma câmera (caso seja possível), gravados na própria sala ou em outro espaço do colégio, utilizando-se de materiais previamente combinados com seu(sua) professor(a) e a equipe escolar como um todo, que consistirá e concretizará os resultados das cenas que foram produzidas e elaboradas nas aulas anteriores, pelas várias equipes. E como forma de culminância da sequência didática, você e sua equipe apresentarão o vídeo-minuto para toda a comunidade escolar, no pátio da escola e publicarão no canal (YouTube) e redes sociais (Instagram e Facebook) do colégio, supervisionados pelo(a) professor(a) e pela equipe pedagógica, por meio de postagens interativas, os vídeos criativos produzidos em sala. As equipes poderão acrescentar imagens ilustrativas e informações sobre o autor entre outras curiosidades pertinentes à produção.

Desta forma, vocês estarão transformando um gênero textual escrito (conto) em um gênero textual oral (vídeo-minuto). Esse é um gênero do cotidiano atual, que promove bastante interação e tem como objetivo geral homenagear, criticar, informar ou gerar humor, tendo um tempo determinado em torno de um minuto. É uma produção que lida com tempo curto, logo, faz com que vocês exercitem com eficácia o poder de síntese; além disso, explora a questão da imagem (texto não verbal) com falas (texto verbal) e da variação no tom da voz entre outros detalhes.

Segue um roteiro básico (sugestivo) que pode servir de suporte e auxílio para a criação

Segue um roteiro básico (sugestivo) que pode servir de suporte e auxílio para a criação dos vídeos-minuto. Boa produção!

1. Juntem-se em equipe (formada nas aulas anteriores), na sala de aula ou em outro espaço da escola. Seleccionem o material coletado para a produção do vídeo, como por exemplo, objetos para compor o espaço para a cena escolhida pela sua equipe; caderno ou material apostilado como suporte para um possível esquecimento no momento da gravação, contendo o texto (cena) produzido pelo grupo que será gravado; e aparelho (smartphone ou câmera digital) em que será feita a gravação.
2. Leiam e revisem o texto (cena produzida), confirmando as ações de cada um (confor-



Professor(a), antes que as equipes comecem a produzir os vídeos, é ideal a exibição de exemplos do gênero vídeo-minuto, para que seus alunos se familiarizem com esse tipo de texto e fomentem ideias para suas próprias produções.

Para o momento da culminância, é interessante que seja realizada oferta de premiações aos participantes da atividade, como forma de estímulo no processo de ensino-aprendizagem.

6. Apresentem à comunidade escolar, com organização, data e local previamente combinados com o(a) professor(a) e equipe escolar, o vídeo-minuto produzido por sua equipe.

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 28 horizontal black lines spaced evenly across the page, typical of notebook paper. The lines are thin and extend from the left edge to the right edge. There are no margins, text, or other markings on the page.

OBJETIVO DAS ATIVIDADES – HORA DE APRENDER MAIS

Este quadro/seção foi planejado com o intuito de dialogar com seu(sua) professor(a) sobre os objetivos da cada atividade proposta na seção Hora de Aprender Mais.

ATIVIDADE	OBJETIVO(S)	DIÁLOGO COM O(A) PROFESSOR(A)
1	Identificar o narrador e distinguir sua classificação.	Professor(a), converse com os alunos sobre como se dá a distinção entre narrador-personagem e narrador-observador.
2	Reconhecer um dos elementos do conto – personagens, bem como relacioná-las entre textos.	Chame a atenção dos(as) alunos(as) para a importância de buscar informações explícitas em um texto e traçar um perfil das personagens envolvidas no enredo, para melhor compreendê-lo.
3 e 14	Relembrar os elementos que constroem o conto e que fazem parte de sua estrutura básica.	A atividade mobiliza o(a) aluno(a) a utilizar a ludicidade no reconhecimento do gênero textual conto. Atente os(as) alunos(as) para o fato de que os gêneros textuais são compostos de tema, forma ou estrutura composicional e estilo.
4	Identificar o tema do texto.	Nessa atividade, os(as) alunos(as) ativam a capacidade de percepção das principais temáticas que norteiam os textos estudados. Dialogue com eles(as) acerca da reincidência de temas abordados nos contos vianianos.
5	Explorar informações sobre a obra/produção/autoria do texto.	Mais uma vez, converse com os(as) alunos(as) sobre a obra do contista Antonio Carlos Viana, elencando suas características mais relevantes.
6 e 22	Identificar marcas linguísticas que evidenciam as vozes no texto.	Ajude os(as) alunos(as) a explorar, no texto, expressões que afirmam o tipo de linguagem predominante, diferenciando linguagem formal e informal, por exemplo.
7, 13, 18 e 21	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de trechos/falas destacadas.	As três atividades levam os(as) alunos(as) a inferir sentidos a partir da locução das personagens que os ajudam a interpretar a continuidade/sequência da narrativa.

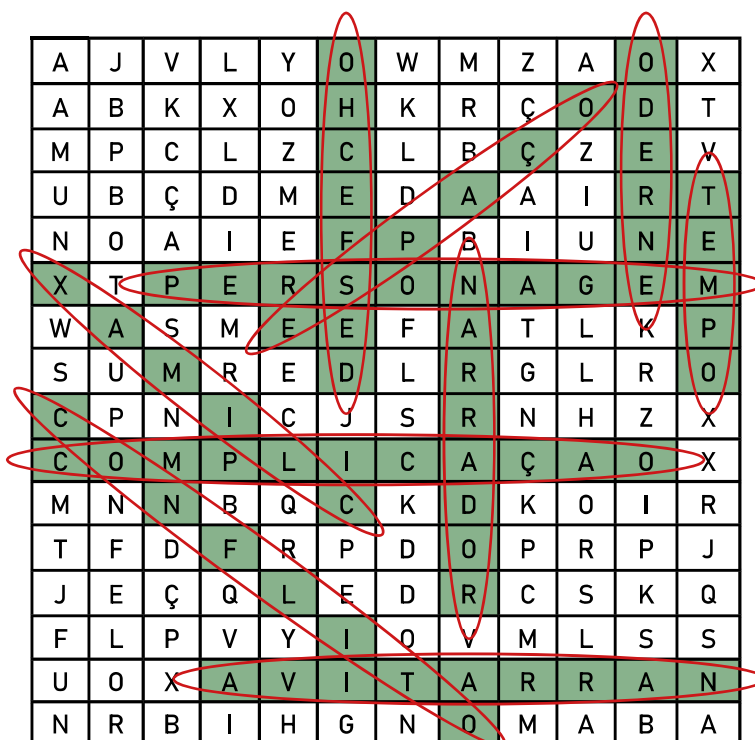
8	Constatar e distinguir recursos estilísticos de linguagem nos textos.	Mobilize os(as) alunos(as) para o estudo das figuras de linguagem e sua importância na construção de um texto literário e na interpretação de sentidos. Metáforas, comparações, sinestesias, onomatopéias e etc. são figuras recorrentes nos contos vianianos. Nesta atividade, o foco deu-se no uso da comparação.
9	Localizar e transcrever informações que dialogam com o título do texto.	Esta atividade faz com que o(a) aluno(a) ative seu conhecimento de mundo e o relacione ao enredo da narrativa.
10 e 16	Estabelecer relação entre o espaço e outros elementos como narrador e personagem influem na compreensão textual.	Discuta com os(as) alunos(as) passagens do texto que comprovem essa influência na construção de sentidos.
11, 17 e 24	Localizar o elemento espaço no texto.	Nesse caso, os(as) alunos desenvolvem a primeira habilidade de leitura para interpretação geral do texto.
12, 20 e 23	Inferir sentidos a partir do cenário formado no texto.	Convoque os(as) alunos(as) para a importância que uma descrição minuciosa do espaço/ambiente contribui positivamente para a interpretação adequada dos acontecimentos da narrativa.
15	Associar ações e/ou características às personagens envolvidas no texto.	O objetivo desta atividade é explorar a localização de informações explícitas no texto, logo, o(a) aluno(a) precisa estar atento ao reler o texto e observar as relações entre vários trechos.
19	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.	Professor(a), aproveite para explicar que os contos sempre vão apresentar uma situação inicial, um conflito, sua resolução e um desfecho.

POSSIBILIDADES DE RESPOSTAS – HORA DE APRENDER MAIS

Atividade 1 – Nos três contos referidos, temos a presença de **narrador-personagem**, isto é, a narrativa é feita em **primeira pessoa**. Os narradores são protagonistas e participam diretamente dos fatos narrados.

Atividade 2 – Os três contos estudados apresentam um perfil de personagens com características afins, como por exemplo: são personagens que possuem grandes dificuldades financeiras; moram, geralmente, em áreas rurais e carentes de direitos básicos de sobrevivência como a própria moradia, água encanada, energia elétrica e etc.; são também personagens que vivenciam momentos de descoberta típicos de transições inerentes ao ser humano (como por exemplo, as descobertas da infância para a adolescência).

Atividade 3 – Sobre os elementos do conto, encontramos: **narrador, personagem, enredo, tempo e espaço**; e sobre a estrutura pudemos encontrar: **narrativa, conflito, complicação, clímax e desfecho**.



A	J	V	L	Y	O	W	M	Z	A	O	X
A	B	K	X	O	H	K	R	Ç	O	D	T
M	P	C	L	Z	C	L	B	Ç	Z	E	V
U	B	Ç	D	M	E	D	A	A	I	R	T
N	O	A	I	E	F	P	B	I	U	N	E
X	T	P	E	R	S	O	N	A	G	E	M
W	A	S	M	E	E	F	A	T	L	K	P
S	U	M	R	E	D	L	R	G	L	R	O
C	P	N	I	C	J	S	R	N	H	Z	X
C	O	M	P	L	I	C	A	Ç	A	O	X
M	N	N	B	Q	C	K	D	K	O	I	R
T	F	D	F	R	P	D	O	P	R	P	J
J	E	Ç	Q	L	E	D	R	C	S	K	Q
F	L	P	V	Y	I	O	V	M	L	S	S
U	O	X	A	V	I	T	A	R	R	A	N
N	R	B	I	H	G	N	O	M	A	B	A

Atividade 4 – Percebemos entre algumas temáticas abordadas as mazelas sociais, refletidas em um ambiente de miséria e sofrimento humano, como por exemplo, a falta de moradia digna (conto 1) ou moradia familiar em condições sub-humanas, como podemos perceber na descrição do lugar em que a família vive (conto 3); a falta de saneamento básico também é muito evidenciada, a necessidade de água limpa e filtrada (conto 2); as condições de sustento e sobrevivência são mínimas (como bem retrata o conto 3). Além disso, os três contos abordam aspectos do comportamento familiar, a falta de diálogo entre pais e filhos, os tabus com a questão da sexualidade na adolescência entre outras questões.

Atividade 5 – A alternativa incorreta é a **C**, tendo em vista que esses contos vianianos não

trabalham com o elemento fantástico, nem fazem referência a sonhos e devaneios.

Atividade 6 – Predominantemente formal, mas com fortes traços de informalidade, presentes em expressões típicas do cotidiano vivido pelas personagens descritas.

Atividade 7 – O pensamento da personagem revela que se trata de alguém que, mesmo vivendo uma situação caótica (a demolição do barraco da família), consegue pensar em algo positivo (a panela da galinha), como se salvá-la fosse a única alegria para a família naquele momento tão triste.

Atividade 8 – A única alternativa que não traz a ocorrência da figura de linguagem comparação é a **C**. Nesse item, temos a ocorrência de uma figura sonora – onomatopeia (crec, crec, crec). Os outros itens trazem associações bem explícitas por meio dos conectivos feito, que nem e parecia que.

Atividade 9 – Além da expressão “Santana Quemo-Quemo”, temos “Pomba-gira” (4º parágrafo) e “coisa-ruim” (6º parágrafo) – ambas com denotação religiosa na linguagem popular.

Atividade 10 – O espaço é uma área com barracos prestes a serem demolidos. O local descrito permite-nos saber que se trata de uma família pobre, fadada à miséria e ao sofrimento, mas que, apesar de tudo, ainda demonstra alegria, seja na cantoria da mãe ou na preocupação dos filhos com a panela de galinha, confirmada no desfecho do conto. A descrição do modo como os homens agem para derrubar os barracos também torna nítido o comportamento de indiferença e crueldade diante da dor alheia.

Atividade 11 –

ESPAÇO FÍSICO	AMBIENTE PSICOLÓGICO
• Quintal longe (parágrafo 1); • Lado de fora dos barracos (parágrafo 1); • Riacho (parágrafo 1); • Lama (parágrafo 6); • Do outro lado do riacho (parágrafo 7); • Debaixo da amendoeira (parágrafo 7).	• Nosso barraco (parágrafo 2); • Pela portinha de nada (parágrafo 2); • No meio daquela merda toda (parágrafo 4); • As casinhas eram tudo igual, de papelão e pedaço de madeira velha (parágrafo 6); • Minha mãe sambando e cantando cada vez mais alto, pé no barro (parágrafo 6); • Quando estava tudo no chão (parágrafo 7).

Atividade 12 – A caracterização do espaço na narrativa contribuiu significativamente para a construção do enredo, uma vez que à medida que lemos, conseguimos perceber a interação que há da descrição do espaço com outros elementos que formam o desenvolvimento da narrativa.

Atividade 13 – O desfecho do conto em si não informa o que acontecerá com as personagens, mas o conflito que envolve a perda ou não da panela de galinha cozida é resolvido. Isso é bem refletido na alegria deste trecho “Mas a vida também tem suas alegrias”, no qual o narrador, mesmo diante do caos, demonstra alegria com as pequenas/grandes vitórias da situação vivida.

Atividade 14 –

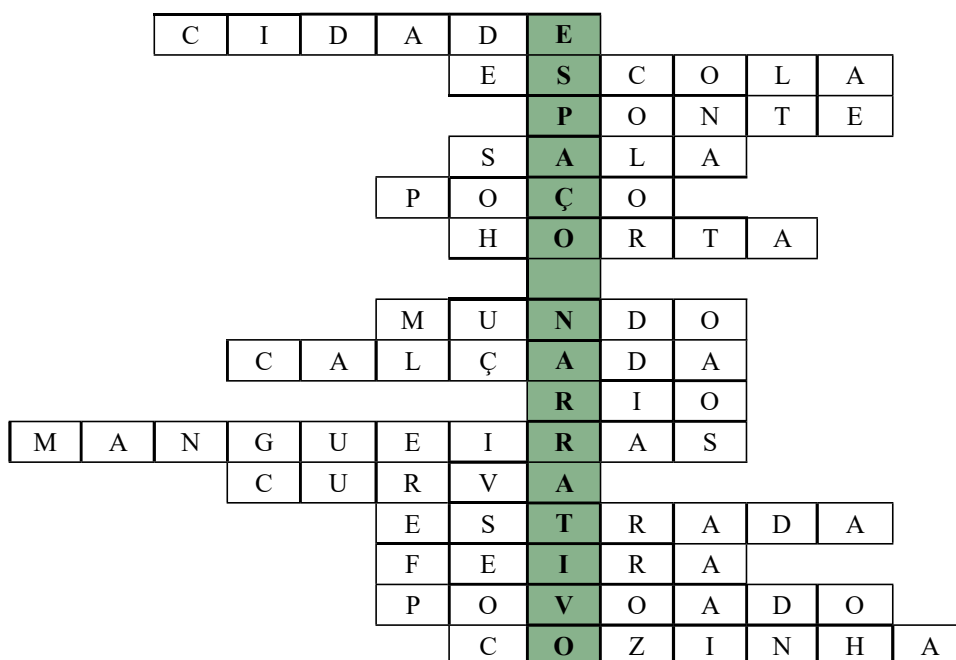
PERSONAGENS	LUGAR(ES)	TEMPO
O pai; a mãe; a avó; a tia; o médico; a professora; os quatro filhos: Alcir (o irmão mais velho); Carlinhos; a irmã e o irmão mais novo.	Escola; rio; curva; estrada; Curva da Rapadura; povoado da ponte; casa; mesa; sala; cozinha; chão da casa; poço; calçada; horta; feira; cidade.	Predomina o tempo cronológico , mas também há ocorrência do tempo psicológico , em trechos como: “[...] logo ele, que tinha sido sempre magro[...]” (5º parágrafo); “[...] o pior já passou [...]” “[...] como se durante o tempo que passou internado não tivesse feito outra coisa senão gritar de dor.” (6º parágrafo).

Atividade 15 –

- A. A mãe (**D**) Caiu no sono junto com o irmão mais novo.
- B. O pai (**E**) Cavou buracos pra jogar bola de gude com Carlinhos.
- C. A avó (**G**) Não tomava café nem chá.
- D. A irmã (**B**) Esteve internado por um tempo.
- E. O irmão mais velho (**A**) Fez arroz-doce e caju-ameixa.
- F. O irmão mais novo (**F**) Dormia com a irmã no momento em que o pai voltou.
- G. Carlinhos (**C**) Cozinhou inhame para a família.

Atividade 16 – O narrador-personagem sente-se pensativo e preocupado com a situação do seu pai, após o retorno do internamento hospitalar. Essa sensação de tristeza e preocupação é caracterizada também pelo ambiente sombrio descrito, como por exemplo no trecho “A noite num lugar escuro, longe de tudo, é porta aberta para todas as caraminholas navegarem em nossa cabeça.”.

Atividade 17 –



Atividade 18 – Com esse trecho e em todo o desenrolar do enredo da narrativa, os sentidos construídos mostram um perfil de personagens marcadas por uma vida simples, sofrida, reduzida a usufruir do mínimo para sobreviver. Uma família que vive na zona rural e convive com as dificuldades típicas desse ambiente, no entanto, esse cenário não rouba as pequenas alegrias sentidas, principalmente das crianças, que muitas das vezes, resumem-se em ir à feira na cidade ou frequentar a escola.

Atividade 19 – A alternativa correta é a **A**. Este trecho reflete o conflito desencadeado na narrativa.

Atividade 20 – No caso desse conto, a construção do cenário tem por objetivo evidenciar como a casa em que os personagens vivem e cuidam dos animais (único meio de sobrevivência da família) é sujo e triste. Por isso, torna-se um elemento muito importante na construção de sentidos do conto.

Atividade 21 – A alternativa correta é a **B**. Especialmente, a última frase do trecho destacado faz referência à questões de faixa etária para determinadas descobertas, neste caso, há uma alusão à sexualidade.

Atividade 22 – A alternativa correta é a **D**. São expressões utilizadas pela linguagem cotidiana popular, em contextos específicos de interação comunicativa.

Atividade 23 – O primeiro parágrafo desse conto é marcado por imagens como “casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de bosta de galinha e mijo de gato”; “ninhadas de pinto criadas na cozinha”; “piolhos-de-galinha que corriam por nosso corpo”; “chiqueiro ao lado”; “cheiro forte de lama”; “sítio distante de tudo”; “para nós, o mundo era só mau cheiro” que constroem sentidos representativos para o desenvolvimento do enredo, uma vez que permitem ao leitor imaginar por meio da detalhada descrição como é humilde e miserável o cotidiano da família retratada.

Atividade 24 –

					C	O	Z	I	N	H	A	
			S		I	T	I	O				
M	A	R			D	E		M	E	R	D	A
			C		A	S	A					
		M	U	N	D	O						
C	H	I	Q	U	E	I	R	O				

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dayse Souza de. O estranho e a transvalorização dos discursos hegemônicos em Antonio Carlos Viana. In: *Estação Literária*. V. 12, 2014, p. 406-418. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art26.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 8º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

_____. Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 9º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Sistema de avaliação da educação básica. Brasília: INEP. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Último acesso em: 17. set. 2020.

CANDIDO, Antonio. Degradação do espaço. In: CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2004.

_____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 9º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. A prática de letramento literário na escola. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (ORG.) Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercados de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011, p. 321-348.

DIMAS, Antonio. Espaço e romance. São Paulo: Ática, 1987.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Letramento literário no contexto escolar. In: GONÇALVES, Adair

Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (Orgs.). Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercados de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011, p. 321-348.

FILHO, Ozíris Borges. O conceito de espaço como pressuposto teórico na “formação da Literatura Brasileira”. In: FILHO, Ozíris Borges; BARBOSA, Sidney; SIMÕES, Maria João (Orgs.). O conceito de espaço na obra de Antonio Candido. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019, p. 59-88.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2009.

GOTLIB, Nádya Battella. Teoria do conto. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LOPES, Fernando A. de M. Pereira. Ler Osman Lins, a partir da sua própria teoria sobre o espaço literário: ilações possíveis no seu conto lírico “Os gestos”. In: FILHO, Ozíris Borges; BARBOSA, Sidney; ROSSONI, Igor (Orgs.). O espaço literário em Osman Lins. São Paulo: Todas as Musas, 2017, p. 93-116.

PEREIRA, Camila Sequetto; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. Universos: língua portuguesa, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

ROSSONI, Igor. Osman Lins: o espaço presente da poesia-ausente no discurso de “O vitral”. In: FILHO, Ozíris Borges; BARBOSA, Sidney; ROSSONI, Igor (Orgs.). O espaço literário em Osman Lins. São Paulo: Todas as Musas, 2017, p. 31-46.

SERGIPE. Referencial curricular da educação do estado. Aracaju, 2011. Disponível em: https://www.seed.se.gov.br/referencial_curricular.asp. Acesso em: 28 dez. 2019.

VIANA, Antonio Carlos. O meio do mundo e outros contos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Cine Privê. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

